

PORTUGAL COM AMOR

**Personagens e atores portugueses
que enriqueceram a telenovela brasileira**

**Texto de
MAURO ALENCAR**

**Consultor e Pesquisador de telenovelas - Rede Globo
Produtor de conteúdos da Globo.Com
Mestre (e doutorando) em teledramaturgia pela USP**

PORTUGAL COM AMOR

PERSONAGENS E ATORES PORTUGUESES QUE ENRIQUECERAM A TELENVELA BRASILEIRA

texto de
MAURO ALENCAR

Com o objetivo de homenagear a colônia portuguesa no Brasil, Geraldo Vietri escrevia em 1968 a novela **Antônio Maria**. Inicialmente, a trama protagonizada por Sérgio Cardoso e Aracy Balabanian agradou apenas à colônia. Um mês depois, entretanto, a novela da TV Tupi, caía no agrado do povo brasileiro e, além disso, iniciava um movimento de revolução na linguagem da telenovela. Fora criada uma trama em que o personagem português, vivido por um dos maiores atores do Brasil, servia para *abrasileirar* as raízes da telenovela que, à época, ainda importava textos da Argentina, de Cuba e do México.

Em 1973, a Rede Globo, amparada em seu crescente processo de liderança nacional de grande indústria da comunicação, apresenta na série *Caso Especial*, **O Imigrante**, liderado pelo ator português Raul Solnado. Começava-se a delinear a revolução técnica e estética da ficção televisiva.

Locomotivas, novela de Cassiano Gabus Mendes, em 1977, torna-se coqueluche nacional. Em meio à trama com belas mulheres, conquista grande sucesso o personagem Machadinho, imigrante português vivido por Tony Correia. Além de ter sido a primeira novela em cores do horário das 19 horas, o enredo completava-se com um grande avanço mercadológico: cenas gravadas em Portugal. Ou seja, criava-se um *cartão postal* que, através da novela nossa de cada dia, unia e aproximava afetivamente Brasil e Portugal.

Palavras-chave: televisão - novela - português

As origens com sabor caribenho

A telenovela diária chegou ao Brasil em julho de 1963, importada pelo diretor artístico da TV Excelsior, Edson Leite, que entregou um texto original do argentino Alberto Migré à conceituada radionovelistas Dulce Santucci, que o adaptou para a televisão brasileira. Não só o original era argentino, mas também o diretor: Tito di Míglío. A trama, envolvendo um advogado e uma presidiária-telefonista, foi protagonizada por Tarcísio Meira e Glória Menezes, e a novela foi batizada com nome de **2.5499, Ocupado**.

Vale aqui lembrar que a televisão brasileira, a PRF 3 TV Tupi, fora inaugurada em 18 de setembro de 1950. E a primeira experiência dramaturgicamente televisiva ocorreu no dia 11 de novembro do mesmo ano pelas mãos de Cassiano Gabus Mendes, que adaptou um filme norte-americano sob o título de **A Vida por Um Fio**, com a atriz Lia de Aguiar.

Somente em 21 de dezembro de 1951, com a intervenção de Walter Forster, é que a telenovela começou a ganhar contornos do que viria a ser em 1963. Diretor, autor e ator protagonista — contracenando com Vida Alves —, Forster levou ao ar **Sua Vida Me Pertence**.

Tendo como base a estrutura radiofônica de apresentação de dramaturgia, Forster resolveu lançar a telenovela com 15 capítulos, exibidos 2 vezes por semana. Daí a aproximação deste gênero televisivo com o folhetim do século XIX, com o cinema seriado da década de 50 e com toda a estrutura da radionovela de então. Ocorreu nessa produção e nesse momento (sob protestos de uns e aplausos entusiasmados de outros) o *primeiro* beijo da televisão brasileira, encenado por Vida Alves e Walter Forster! Diante de tal êxito, por que não transformar a novela exibida em dois capítulos por semana num produto diário?

E assim, graças à chegada do vídeo-teipe em 1960, Edson Leite, Dulce Santucci e o argentino Tito di Míglío puderam iniciar a história da telenovela brasileira com o formato que o Brasil e o mundo se acostumaram a ver.

*

Em 1964, na TV Excelsior, os brasileiros assistiam ao primeiro sucesso diário da televisão brasileira: **A Moça Que Veio de Longe**, adaptação de Ivani Ribeiro sobre um original argentino. No elenco, estavam os atores Rosamaria Murtinho e Hélio Souto. No mesmo ano, na TV Tupi, Ivani Ribeiro assina outra adaptação: **Alma Cigana**, um original cubano, protagonizado por Ana Rosa e Amilton Fernandes.

E, então, chegamos ao primeiro *fenômeno* de audiência ficcional. Estréia na TV Tupi, em dezembro de 1964, **O Direito de Nascer**, original cubano de Félix Caignet,

adaptado por Talma de Oliveira e Teixeira Filho, com a presença de Amilton Fernandes, Nathália Timberg, Isaura Bruno e Elísio de Albuquerque.

Tais novelas, independentemente da qualidade do texto original (e aqui vale respeitar o gosto peculiar de cada povo), pouco ou quase nada tinham a ver com o nosso Brasil, quer pelo cenário ou pela situação social.

A extravagância da importação chega ao auge quando a exilada cubana Glória Magadan aporta, em 1966, na Rede Globo para escrever e supervisionar as novelas da emissora. **Eu Compro Essa Mulher**, **O Sheik de Agadir** e **A Rainha Louca** foram alguns dos títulos mais significativos dessa empresária da comunicação que costumava dizer que o Brasil não tinha assunto suficiente para produzir novelas (!).

É dentro desse conturbado cenário de implantação do gênero e desses modelos mesclados que irá surgir a novela **Antônio Maria**, a história do galante português que modificaria os rumos da telenovela brasileira.

“A Glória de um Povo na Alma de um Homem”

Antes de trazer aos brasileiros a trajetória do português Antônio Maria, o novelista Geraldo Vietri já mostrava sua inquietação frente aos dramalhões cubanos e argentinos que se transmitiam na televisão brasileira. Inicialmente, Vietri ganhara de Cassiano Gabus Mendes, diretor artístico da TV Tupi nas décadas de 50 e 60, a direção do *Grande Teatro Tupi*, que eram encenações baseadas em textos teatrais ou da literatura mundial adaptados para a TV, com duração de uma hora e meia e exibidos ao vivo. Em seguida, e com maior popularidade, Vietri escrevia e dirigia episódios para o *TV de Comédia*. Exibido aos domingos, o programa quinzenal ficou no ar por dez anos. Essa experiência se associava ao desejo de encontrar raízes para o produto novelístico brasileiro.

Em 1964, a TV Tupi resolve produzir novelas e inaugura o chamado horário nobre - das 20 horas - com **Alma Cigana**, novela de Ivani Ribeiro, baseada no original cubano de Manuel Muñoz Rico. Geraldo Vietri estava lá, dirigindo a trama que envolvia uma mulher (a atriz Ana Rosa) com dupla personalidade (ou seriam gêmeas?): a freira Estela e a cigana Esmeralda. O texto foi um grande sucesso!

Mas na busca de *nacionalização* do gênero, Vietri escreve, em 1967, a primeira novela brasileira da emissora: **Os Rebeldes**. Com Tony Ramos, Dênis Carvalho, Guy Loup e Ana Rosa, a trama central girava dentro de uma sala de aula, onde se discutiam problemas morais, sociais e conflitos de gerações.

Entretanto, foi, com dissemos, em **Antônio Maria** que Geraldo Vietri, com pulso de autor e diretor, conseguiu iniciar o processo de renovação nacional da telenovela brasileira. E esta renovação se consolidaria com **Beto Rockfeller**, de Bráulio Pedroso, quatro meses depois.

Certa vez, Vietri contou-me como surgiu a idéia de homenagear a colônia portuguesa. Ele queria contar a história de um imigrante. Sabia da importância dos portugueses — os descobridores! — para o Brasil. Contudo, achava curioso serem eles temas de tantas anedotas. Foi justamente por isso que resolveu criar o personagem Antônio Maria D’Alencastro Figueiroa. Achava que já era mais do que hora de se

homenagear um povo fundamental para o perfil sociológico da nação brasileira. Para isso, subverteu a tradição popular: ao invés de um português alvo de piadas, resolveu construir um português herói, desbravador, galante, que declamava Camões...

*

Ora, sabemos que a produção literária brasileira já conhecera fenômeno semelhante, inicialmente através da imprensa: nos jornais publicavam-se os folhetins, ou seja, capítulos de romance — um por dia — como as novelas de hoje. Os originais, basicamente, eram traduzidos do francês e, aos poucos, foram sendo substituídos por obras de escritores nacionais. Entre eles, estava o autor pioneiro do romance brasileiro, Joaquim Manuel de Macedo — com **A Moreninha**, de 1844 — e, muito especialmente, um dos maiores escritores brasileiros e o maior ficcionista nacional do Romantismo, José de Alencar.

Nosso grande romancista a produzir folhetins e romances em larga escala (até mesmo novelisticamente falando!), Alencar não poupou esforços para criar belos personagens portugueses, em seu desejo maior de constituir geográfica, histórica e literariamente a nação. Ele queria, ao aproximar Brasil e Portugal, desvencilhar-nos do fantasma europeu por termos uma cultura importada, sobretudo da França. Assim, em 1857, escreve **O Guarani**, unindo o índio Peri a Ceci, filha do fidalgo português D. Antônio de Mariz. A obra teve enorme sucesso entre os leitores. Em 1865, inverte a situação. Com **Iracema**, outra obra-prima, é o português conquistador, Martim Soares Moreno, que irá apaixonar-se pela índia dos “lábios de mel”, Iracema, que tinha “os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que o talhe de palmeira”. E é do amor desses dois primeiros habitantes do Ceará, que nasce Moacir — o primeiro homem de um Novo Mundo, a América.

*

Voltando a falar sobre a produção televisiva de 1968, Geraldo Vietri não imaginava tornar **Antônio Maria** um modelo de novela nem personagem cultuado em todos os segmentos sociais. Na trama, Antônio Maria, recém-chegado de Portugal se emprega como motorista na casa do milionário Dr. Adalberto Dias Leme (Elísio de Albuquerque). Após a decadência financeira gerada por Heitor de Lima (Wilson Fragoso), noivo de Heloísa (Aracy Balabanian), filha do patriarca, o motorista assume outra posição: conselheiro familiar. E nessa condição, acaba por revelar o seu segredo: era um milionário que veio ao Brasil para fugir das trapaças de Amália (Gilda Valença), a qual, aliás, surge para atrapalhar o amor nascente entre Heloísa e Antônio Maria.

“No início, a novela agradou apenas à colônia portuguesa, que se sentiu homenageada. Mas no terceiro mês já era campeã de audiência”, comenta o jornalista

Ismael Fernandes em seu livro *Memória da Telenovela Brasileira*, do qual participei como colaborador.

Em março de 1969, Geraldo Vietri declarava na revista *Melhores Momentos*: “(...) *De repente, ante nossa surpresa, Antônio Maria cresce, alastra-se vertiginosamente em todas as direções, envolvendo, conquistando milhões de telespectadores, suscitando discussões as mais curiosas, criando hábitos novos em substituição a velhos, forçando involuntariamente alterações em horários de práticas religiosas, modificações em horários de aulas, interrupções de conferências ou reuniões, adiamento de inaugurações e cerimônias várias, inspirando anúncios publicitários e anedotas, mas anedotas sadias, positivas, registrando índices respeitáveis de audiência junto ao público masculino, o que contraria a tese de que ver telenovela é ‘coisa de mulher’*”(…).

De fato, **Antônio Maria** e **Beto Rockefeller** começaram a atrair a audiência masculina para a telenovela, ao abandonarem a temática feita exclusivamente para a dona-de-casa — aquela mulher simples, oriunda de outros países da América Latina.

O cenário em **Antônio Maria** também se nacionalizava. Assim como os milionários eram empresários que substituíam os condes e *sheiks* de um passado recente na teledramaturgia brasileira, a camada pobre era constituída de trabalhadores comuns e não mais dos ciganos de outrora. Ônibus e automóveis da indústria brasileira como os *Volkswagen* ou *Aero-Willys* tomavam o lugar das artificiais carruagens.

Vietri ainda declara em *Melhores Momentos*: “*Por muito tempo os portugueses chegados ao Brasil encontraram - não resta dúvida - incentivo. Mas também encontraram piadas prontas, os pequenos conflitos que, à custa de repetir e repetir, tornaram-se uma barreira quase intransponível para o contato com a gente da terra.(...) Se mais não pudemos fazer, temos a nos tranquilizar a consciência um fato somente: Antônio Maria serviu para mudar a imagem do português invasor, do português colonizador, do português bigodudo das piadas. Consegui, antes e acima de tudo, provar o valor não de um homem, mas de todo um povo - o português - associado ao valor de outro povo - o brasileiro. Confirmou, ainda, que os que vêm para trabalhar são sempre bem recebidos. E Antônio Maria veio para trabalhar; não veio atrás de escravos, esmeraldas ou de pau-brasil!*”.

Sérgio Cardoso, o intérprete do personagem era um ator de formação clássica, famoso por sua especialidade em interpretar Shakespeare; criou Antônio Maria de forma inesquecível e bastante integrada ao presente real da comunidade que assistia à novela. Na véspera do Natal de 1968, por exemplo, o capítulo foi ao ar trazendo um brinde do personagem, que homenageava “as coisas simples da vida”.

Sérgio, à época da novela, considerou **Antônio Maria** um tanto idealizado demais, mas julgou essa idealização compreensível por pretender fazer-se na novela a exaltação do povo português: “*A glória de um povo na alma de um homem*”, lembrou o ator em *Melhores Momentos*.

A repercussão lusitana foi tão eficiente que o governo de Portugal, entusiasmado com a imagem positiva que Geraldo Vietri criara para os imigrantes portugueses, concedeu-lhe a Comenda do Infante Dom Henrique, uma das mais importantes homenagens do país.

E eu diria, hoje, já no último ano do século XX: **Antônio Maria** não apenas exaltou o povo português. Ela também uniu de maneira saudável o Brasil a Portugal e contribuiu decisivamente para a modernização da telenovela na cultura popular brasileira.

*

Em 1969, com o sucesso de Antônio Maria, Sérgio Cardoso é levado para a Rede Globo, que buscava seu processo de renovação e começava a ficar atenta aos melhores profissionais do mercado para iniciar sua decolada rumo à liderança inequívoca, que viria logo adiante.

Lembremos ainda, que, em 1975, na TV Tupi, Vietri incursionaria mais uma vez - com sucesso - pelo universo lusitano. **Meu Rico Português** narrava a amizade entre Severo Salgado Salles, recém-chegado de Portugal, com a milionária Dona Veridiana Pires Camargo, interpretados, respectivamente, pelos atores Jonas Melo e Dina Lisboa.

Os portugueses na Aldeia Global

Durante a década de 70, a Rede Globo brindou o público brasileiro com a série *Caso Especial*. O programa, apresentado mensalmente, ia ao ar às 21 horas, logo após a novela das oito. Sua principal característica era desenvolver uma história completa, contada num tempo médio de 50 minutos. A linguagem deveria ser concisa, econômica e clara.

Na verdade, era feita a retomada dos antigos teleteatros das décadas de 50 e 60, porém com clima de cinema e com todo o aparato televisivo que já despontava na emissora: um canal perfeito para que nossos romancistas, escritores e diretores tentassem buscar novos caminhos dentro da tradicional dramaturgia novelesca. Na série - supervisionada por Daniel Filho e Ziembinski - reuniam-se os melhores dramaturgos do mundo, entremeados por outros que iniciavam a carreira. Era um bom palco para experimentações de atores, diretores e todos os profissionais da comunicação que, aliado ao aparato televisivo, levava adiante a sofisticação e o apuro do gênero .

Mantendo a já tradicional presença de personagens portugueses, a emissora leva ao ar **O Imigrante**, em julho de 1973, com os atores portugueses Raul Solnado, Fernando Barreira e Paulo Renato. O texto de Domingos de Oliveira (também diretor) e Lenita Plonckzynski, o *Especial* contava a história de Francisco Pereira (Raul Solnado), um imigrante vivendo no Rio de Janeiro que decide voltar para Portugal. Mas a mulher (Gracinda Freire) e os filhos (Rosana Garcia e Ricardo Garcia) querem permanecer no Brasil. A chegada de Manuel do Carmo Pereira (Fernando Barreira), filho de Francisco, vindo de Portugal, entrelaçará definitivamente os dois países; pois, ao contrário de Francisco, Manuel decide ficar no Brasil ao apaixonar-se por Terezinha (Suzana Gonçalves), filha de um amigo de seu pai. Francisco parte para a terra natal, deixando no Brasil um filho querido. E recomenda aos noivos: “Se nascer um macho quero que se chame Pedro Álvares Pereira!”. Enquanto Manuel fica, maravilhado com o paraíso brasileiro, Francisco parte feliz, lembrando o lema naval da Escola de Sagres: “Navegar é preciso; viver não é preciso”.

*

Em 1977, é a vez de Janete Clair, a mais clássica romancista brasileira, deixar sua mensagem sobre as relações entre Brasil e Portugal. O *Especial Férias Sem Volta* é a história de uma professora, Hortênsia, interpretada pela atriz Renata Sorrah, que entra em violenta crise depressiva por ter sido abandonada pelo noivo, Pedro. Vai passar uns tempos em Portugal, junto com uma prima (Theresa Amayo). Lá, apaixonou-se por um guia turístico (Tony Correia) e mantém um romance com ele durante a viagem, mas de forma fantasiosa, sem qualquer consciência da realidade em que vive.

O tema narrativo desse *Caso Especial* era o tabu da virgindade e suas consequências — um tema muito ousado e polêmico para meados da década de 70. Janete explicava no boletim de programação da Rede Globo: “*Hortênsia é uma mulher*

histórica, muito por causa do tipo de vida que leva. De muita repressão, de valores excessivamente rígidos. É noiva há vários anos e torturada pelo compromisso de manter sua moral, o que corresponde a manter sua virgindade. E essa tortura faz dela uma mulher angustiada, neurótica, histórica. E isso determina o rompimento do noivado e a sua partida para Portugal, onde se entrega a Salvador, o guia turístico”.

O interessante é que Janete, como fizera em algumas de suas novelas, partiu de um caso verídico. Em 1975, durante uma viagem a Portugal, com o marido, Dias Gomes, Janete conheceu, entre os companheiros de viagem, uma jovem que teve um romance com um guia turístico. O caso foi muito comentado pelo grupo de viagem e ficou como idéia para uma história romântica.

No *Caso Especial*, Janete seguiu o mesmo roteiro que fizera em sua viagem: incluiu passagens por castelos, museus, em Lisboa, Estoril, Sintra e Queluz. A produção ficou por conta de Nilton Cupello e Nilton Gouveia, sob a direção de Antônio Abujamra.

*

Recentemente, em 1993, para homenagear os dez anos de morte de Janete Clair, nada melhor que uma história romântica, gravada nos cenários mais saudosistas de Lisboa. **Férias Sem Volta** retornou à Globo sob nova roupagem. Adaptados por Leonor Bassères com direção de Roberto Talma, os conflitos de Hortênsia, agora interpretada por Carolina Ferraz, são levemente modificados. No lugar da prima, quem a acompanha a Portugal é sua mãe, Laura (Eva Wilma).

“Eu procurei fazer com a adaptação o que Janete faria se estivesse viva. O conto foi escrito há dezessete anos; as coisas que chocavam as pessoas naquela época não chocam mais. Mas a história é muito boa, os personagens são eternos. Então, procurei atualizar a trama com a mesma força que a história tem no original. Eu tive muito cuidado para não mexer no ‘segredo’ que a Janete tinha para detonar a emoção do público”, explicava Leonor no boletim de programação da Rede Globo em novembro de 1993.

O que mudou, na verdade, foi o contexto sociocultural da história. No primeiro *script*, por exemplo, Hortênsia é uma professora primária. Leonor achou melhor escrever sobre uma pianista que, por causa do trauma sofrido, passa a dar aulas de música. O motivo do desgosto também foi alterado. *“A não ser que a família dela fosse muito rica, na condição de professora primária ela não teria, hoje, o status da personagem. E na história original, o trauma que ela sofreu envolve a questão da perda da virgindade com o noivo, apoiada na pureza da mulher. Eu mudei isso, naturalmente porque os tempos mudaram, mas tentei tornar o mais ‘janetiano’ possível para os dias de hoje, sem ‘aguar’ o enredo: é a história de uma mulher bloqueada, desesperada, que reaprende a viver”*, conclui Leonor Bassères.

Antes de Hortênsia envolver-se com Salvador, Laura tira fotos da filha, bastante tristonha na Torre de Belém. O passeio incluía as ruínas do Castelo de São Jorge, ruas do Bairro Alto e do centro de Lisboa, onde o casal também passeia depois que o namoro começa. As cenas de alcova e de recepção foram feitas no Hotel da Lapa, onde a equipe se hospedou. E o primeiro jantar do par romântico aconteceria no belíssimo restaurante Tavares. Antes de ter a sua primeira noite de amor com Salvador, Hortênsia conhece, agora eufórica e apaixonada, o Castelo dos Sete Ais, em Sintra.

Um dos méritos do novo amante é estimular Hortênsia a tocar piano novamente, superando, então, uma de suas maiores dificuldades psicológicas. A cena na qual ela executa “Clair de Lune” de Debussy, foi feita no piano-bar do músico português José Caballeira, chamado *Quando o Piano Toca*. Aliás, a peça de Debussy, a preferida de Janete Clair — que, inclusive, inspirou seu sobrenome artístico — é o principal tema musical do programa, numa homenagem carinhosa de Leonor Brassères. Para viver o guia turístico Salvador Castellar, foi convidado o ator português Diogo Infante. E, para uma pequena participação como Castro, amigo do guia turístico, foi escalado o ator Marcantônio Del Carlos.

Outro ator português que se colocou bem nas televisão brasileira foi Síndez Felipe. Convidado para o remake de **Antônio Maria**, quando a extinta Rede Manchete resolveu entrar no páreo pela audiência através de telenovelas, o ator viveu com competência o galante português. Entretanto, sem o carisma e sem o histórico televisivo de Sérgio Cardoso, o novo Antônio Maria de 1985, ao lado da atriz Elaine Cristina como Heloísa, quase nada acrescentou à carreira de Geraldo Vietri. Mesmo assim, podemos lembrar a qualidade musical do tema de abertura - “A Dança da Lua” - cantado por Ney Matogrosso e Eugênia de Melo e Castro.

Há ainda outros portugueses. Um dos personagens mais marcantes na história da telenovela brasileira foi, sem dúvida alguma, o Machadinho, interpretado por Tony Correia de **Locomotivas**. Primeira novela em cores do horário na Globo — 19 horas —, a novela de Cassiano Gabus Mendes, com direção de Régis Cardoso, tornou-se coqueluche nacional em 1977.

No meio da trama central envolvendo a ex-vedete do teatro de revista, Kiki Blanche (Eva Todor), e a disputa de Milena (Aracy Balabanian) e Fernanda (Lucélia Santos) pelo amor de Fábio (Walmor Chagas), encontramos a história de Machadinho que chega de Portugal para visitar seus parentes Joana (Eloísa Mafalda) e Vítor (Isaac Bardavid). O rapaz apaixona-se por Gracinha (Maria Cristina Nunes), filha do casal, mas é seduzido pela ardilosa Lourdinha (Terezinha Sodré).

Do ponto de vista “social e cultural”, Machadinho cria um espaço ficcional interessante. Acaba por transformar o simples boteco de seus parentes num badalado bar: o *Bar da Tia Joana*, que servirá de ponto-de-encontro para vários personagens e cenário apropriado para divulgar a excelente trilha sonora da novela. É nesse bar que a novela termina, sugerindo ao telespectador que a rebelde de toda a trama, Fernanda, encontraria um pouco de sossego na companhia do galante português.

O sucesso foi tal, que qualquer português era identificado por “Machadinho”. Diga-se de passagem, que a criação do personagem foi um belo trabalho do ator Tony Correia, que havia feito sua estréia na TV brasileira em 1976 como Jacinto de **O Casarão**.

Nessa novela de Lauro César Muniz, Jacinto é um imigrante português que chegara ao Brasil por volta de 1859, esperançoso de uma vida melhor. Carvoeiro desde menino, suas ilusões foram-se desvanecendo diante duma vida difícil, o que determinou sua decisão de imigrar para o interior de São Paulo. Na fictícia cidade de Tangará, trabalha como empregado braçal na construção da estrada-de-ferro e lá encontra vários conterrâneos na lavoura de café. Para aumentar seus rendimentos, emprega-se também na Fazenda de Água Santa, ajudando na construção do casarão. Em Tangará, conhece Francisca (Ana Maria Grova), uma jovem portuguesa que viera para o Brasil poucos anos antes. Decide-se por ficar na região, abandonando o trabalho na estrada. Apesar do afeto por Francisca, sofre forte atração por Maria do Carmo (Analu Prestes). Os dois iniciam um romance às escondidas. E Maria do Carmo, carinhosa, começa a alfabetizar Jacinto. Entretanto, a descoberta do romance pelo áspero Deodato Leme (Oswaldo Loureiro), pai de Maria do Carmo, põe fim ao caso de amor entre a brasileirinha da fazenda e o jovem português. Jacinto é expulso da fazenda e parte para outra cidade, com Francisca. Os dois se casam e nascerá Atílio, em 1900.

No Brasil, o ator Tony Correia marcaria sua presença, ainda, no Caso Especial **Férias Sem Volta** — já comentado anteriormente — e no filme **Iracema, A Virgem dos Lábios de Mel** - clássico romance de José de Alencar dirigido por Carlos Coimbra, vivendo o português colonizador Martim Soares Moreno ao lado da índia Iracema (Helena Ramos), em 1977.

E a novela brasileira mais exportada do mundo, **Escrava Isaura** — uma adaptação de Gilberto Braga para o romance de Bernardo Guimarães, com direção geral de Herval Rossano — também teve sua atriz portuguesa: Ana Maria Grova foi Eneida, mulher interesseira que não poupou esforços para contar ao senhor Leôncio, interpretado pelo ator Rubens de Falco, que sua escrava, a Isaura, interpretada pela atriz Lucélia Santos, estava escondida em Barbacena, interior de Minas Gerais.

A atriz Laura Soveral, que também esteve no elenco de **O Casarão**, marcou presença em nossa telenovela como Dona Leonor, em **Duas Vidas**, de Janete Clair, em

1976-77. A personagem via em determinados amigos da nora viúva, Cláudia (Suzana Vieira), a imagem de Rômulo, seu filho morto num acidente .

Com direção de Herval Rossano, duas novelas lembraram o povo lusitano na década de 70. **Sinhazinha Flô** ³/₄ reunião dos romances **O Sertanejo**, **Til** e **A Viuvinha**, de José de Alencar, adaptados por Lafayette Galvão — tinha na fazenda Paineira traços da cultura portuguesa. E **Maria Maria**, novela de Manoel Carlos, baseada em **Maria Dusá**, de Lindolfo Rocha, trazia a simpática figura do comerciante português José Moitinho (Carlos Duval, outro ator português) na região diamantífera do Xique-Xique, interior da Bahia.

Só para confundir ainda mais o final de **Guerra dos Sexos**, comédia de Sílvio de Abreu com a colaboração de Carlos Lombardi e direção de Jorge Fernando e Guel Arraes, em 1983, entram na trama os parentes portugueses de Otávio e Charlô, com os atores Paulo Autran e Fernanda Montenegro multiplicados por dois: Dominginhos e Altamiranda. Foi um sucesso em dobro!

Outro português criado por Sílvio de Abreu, foi “Seu Vieira” (Gianfrancesco Guarnieri) em **Jogo da Vida**, de 1981-82, padeiro irritadiço, mas de bom coração, que conquista o amor de Jordana (Glória Menezes), deixando para trás Silas (Paulo Goulart) e Carlito Madureira (Raul Cortez).

Walter Negrão, em 1987, com muito sucesso, apresenta o português Manuel Barbosa (Elias Gleizer) em **Direito de Amar**, inspirada em texto radiofônico de Janete Clair da década de 50. Manuel era dono da confeitaria que servia de cenário para reunir vários personagens da novela.

No papel de Carolina, amiga de Bebel (Carla Camurati), Laura Cardoso se revelou uma perfeita lusitana, em mais uma novela de Walter Negrão em 1984: **Livre para Voar**.

*

A década de 90 se inicia com Sílvio de Abreu apresentando ao público Onofre Pereira (Lima Duarte), sucateiro português e pai de Maria do Carmo (Regina Duarte), iniciador do império da futura **Rainha da Sucata**. Na mesma novela, Nicete Bruno vivia a mãe de Maria do Carmo — Dona Neiva — uma portuguesa já abasileirada.

E na novela **Gente Fina**, de Luiz Carlos Fusco e Marilu Saldanha, apesar de compatriotas, Joaquim (Paulo Goulart) e Agenor (Laerte Morrone) se pegavam a tapas por causa de uma bela morena.

*

Outro grande retratista da alma portuguesa foi Benedito Ruy Barbosa. Na Rede Bandeirantes, com **Os Imigrantes**, de 1981/1982, o novelista contou a saga de três Antônios: de Sálvio, o italiano (Rubens de Falco), o espanhol Hernandez (Altair Lima) e o português Pereira (Othon Bastos). Na primeira fase da novela (contando a chegada dos imigrantes no Brasil, no início do século) os três Antônios foram vividos, respectivamente por Herson Capri, José Piñero e David Aracanzo. Até hoje, este foi o maior sucesso novelístico da Rede Bandeirantes.

Voltando profissionalmente à Rede Globo, com **Vida Nova**, em 1988-1989, Benedito narrou o envolvente caso de amor do português Manuel Victor (Lauro Corona) com a judia Ruth (Déborah Evelyn), situado ao fim da Segunda Guerra Mundial.

*

Em 1988, assistiremos à minissérie **O Primo Basílio**, adaptada do clássico romance de Eça de Queirós por Gilberto Braga e Leonor Bassères. Com Giulia Gam (Luísa), Marcos Paulo (Basílio), Marília Pêra (Juliana), Tony Ramos (Jorge), sob a direção de Daniel Filho, a minissérie tornou-se, até hoje, um dos mais prestigiados produtos televisivos.

Com **Pedra Sobre Pedra**, dos autores Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares, em 1992, intensifica-se a participação de atores portugueses em novelas brasileiras. Desta vez, os atores convidados são Carlos Daniel e Suzana Borges, respectivamente nos papéis de Ernesto e Inês. Na trama, os dois irmãos deixam Portugal e vêm para o Brasil, mais precisamente para a fictícia cidade de Resplendor, situada na Chapada Diamantina, com um documento provando que as terras onde moram os ciganos é de propriedade deles, Inês e Ernesto Soares de Melo. Isto contraria os interesses do mandante local, Cândido Alegria (Armando Bogus). Apesar da participação dos atores portugueses, a novela não dispensou um ator brasileiro de viver personagem lusitano.

Coube a Nívea Maria, uma das atrizes mais representativas da televisão brasileira, viver a portuguesa e carola Ximena Vilares, primeira-dama de Resplendor. Com realização da Central Globo de Produção e direção geral de Paulo Ubiratan, **Pedra Sobre Pedra** teve co-produção da RTP- Rádio e Televisão Portuguesa.

“Novela à Vista!”

Acelerando mais e mais o processo de intercâmbio cultural, os atores portugueses resolveram fincar bandeira em solo televisivo brasileiro. Vasco e Rodolfo, respectivamente interpretados pelos atores Paulo Pires e Marques D'Arede, são personagens que chegam em **Salsa e Merengue** ³/₄ grande sucesso de 1996 — e ficam. Na trama de Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa, com direção geral de Wolf Maya, Vasco e Rodolfo vêm de Portugal para amparar Bárbara (Rosamaria Murtinho), após a morte do empresário Guilherme (Walmor Chagas), seu marido. Rodolfo se apaixona por Anabel Muñoz (Arlete Salles) e Vasco envolve-se com Adriana (Cristiana Oliveira), modelo e amante carreirista.

A Rede Bandeirantes, por sua vez, traz Diogo Infante de volta à televisão brasileira em **Perdidos de Amor**, de Ana Maria Moretzsohn, vivendo Fernando Reis, um cafajeste. Ao seu lado, está a atriz portuguesa Cristina Carvalhal como Celzinha, muito conservadora, mas capaz de disparates por não controlar os nervos.

Xica da Silva, sucesso da extinta Rede Manchete, dirigida por Walter Avancini, mostrou a família Pereira, formada por atores de primeiro time, vindos da terra de Cabral. O patriarca era Antônio Marques, conceituado ator teatral e um dos fundadores do Teatro Experimental de Cascais, na década de 80. A matriarca, Guiomar, foi interpretada por Lúcia Franco, grande comedianta e ex-bailarina clássica do Teatro da Ópera de Lisboa. Graça, a filha mais velha do casal, foi vivida por Rosa Castro André, jovem atriz que vem atuando com frequência no cinema português. A filha caçula é Joaquina, papel vivido pela atriz Anabela Paiva, que em Portugal trabalhou com Avancini nas séries **A Viúva do Enforcado** e **Tratado de Tordesilhas**.

Curiosamente, o ator português Gonçalo Diniz não fez papel patricio. Foi o oficial Macário na adaptação de Adamo Angel (pseudônimo de Walcyr Carrasco) para o romance *Chica que manda* de Agripa Vasconcelos, base para a telenovela.

Por fim, a mais recente investida de um personagem português em novela brasileira foi no remake de **Anjo Mau**, em 1997-1998, novela de Maria Adelaide Amaral, baseada no original de Cassiano Gabus Mendes. O ator Sérgio Viotti é Américo, imigrante português, dono de uma adegua finíssima nos Jardins, bairro elegante de São Paulo. Américo divide-se entre o afeto da finíssima Clô (Beatriz Segall) e a assistência da corajosa Goreti (Lília Cabral), com quem se casou e protagonizou belíssimas cenas em

Portugal. Quer pela qualidade do personagem quer pela interpretação do ator, “Seu Américo” cativou os telespectadores em mais um sucesso da Rede Globo de Televisão.

*

É com a máxima qualidade que atores brasileiros ou portugueses vêm vivendo os mais variados tipos humanos portugueses, desde 1968.

E nós, brasileiros, temos sido presença constante na televisão portuguesa (SIC, RTP, TVI) com novelas que chegam a ser exibidas quase que simultaneamente entre Brasil e Portugal. E isto tem ocorrido, assim como desde as primeiras manifestações literárias deste país, os povos brasileiros e portugueses se encontraram para trocar experiências e emoções.

Ora, pois, são os portugueses para o Brasil e os brasileiros para Portugal a contar, juntos, a história de todos nós!

E esta história, lembremos, foi iniciada pelo escritor José de Alencar, gigante ao construir, dentro do Romantismo, um grande mural da nacionalidade brasileira. Como se Moacir, o filho da índia Iracema com o português Martim, estivesse presente em cada um de nós, brasileiros ou portugueses. Ou até quem sabe, como se a cena final de *O Guarani*, com o índio Peri e a loura Ceci sobre uma palmeira, sumindo no horizonte, tivesse selado, para sempre, a eterna amizade entre Portugal e o Brasil.

Rio de Janeiro, setembro de 2000.

Bibliografia

1. *Arquivo de novelas em vídeo. Acervo Mauro Alencar.*
2. *Boletim de Programação da Rede Globo* ¼ números 177, 255 e 1089.
3. CANDIDO, Antônio e CASTELLO, J.Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira* -
4. *Origens ao Romantismo*; São Paulo, Difel, 1976.
5. ———. *Presença da Literatura Brasileira -- Do Romantismo ao Simbolismo.*
Rio de Janeiro, Difel, 1978.
6. FERNANDES, Ismael. *Memória da Telenovela Brasileira.* São Paulo, Brasiliense, 1987.
7. *Momentos Maravilhosos de Antônio Maria.* Editorial Bruguera, 1969.
8. RODRIGUES, Antônio Medina e outros. *Antologia da Literatura Brasileira*, v.1, São Paulo, Marco Editorial, 1979.

MAURO ALENCAR

- Consultor e Pesquisador de Telenovela - Rede Globo
- Produtor de conteúdos - Globo.Com

- Mestre em Artes (Telenovela) pela Universidade de São Paulo
Doutorando em “Dramaturgia em Televisão na América Latina” - USP
- Professor de Teledramaturgia - Oficinas - Rede Globo

- Consultoria e pesquisa para projeto “Globo 30” e “TV 50 Anos” - Rede Globo

- Colunista - Revista “Minha Novela” - Editora Abril

- Som Livre - O Som Nosso de Cada Dia (texto sobre a história das telenovelas através da trilha sonora) - CD EXPO/ 97

- Assessoria para Herval Rossano na palestra “Qualidade e Produtividade” - (1995)

- Assessor de telenovela para a Televisão Universidade Católica do Chile - (1991/93)
- Participação no Simpósio Internacional de Cinema e Telenovela, com o tema “Política Cultural: a imagem do Brasil no exterior através da telenovela e do cinema” - USP (1995)
- Participação no XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/ Universidade Federal de Sergipe, com o tema “A Telenovela na América Latina”. 1995
- Participação no livro “Roteiro de Leitura: A Escrava Isaura”, Ed. Ática. (1998)
- Participação no Festival de Laboratórios de Comunicação do Cone Sul, com o tema “A Linguagem da Telenovela”. Realização: PUC e RBS (1991)
- Assessoria e participação no I Seminário Latino-Americano de Dramaturgia da Telenovela. Realização: USP e Memorial da América Latina. (1989)
- Colaboração (pesquisa e redação) para o livro “Memória da Telenovela Brasileira”(1987)
- Prefácio para “O Crime do Zé Bigorna”, de Lauro César Muniz. (1993)
- Membro da INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.
- Palestras sobre A Telenovela Brasileira em universidades do Brasil, do exterior e nas Oficinas de Roteiro, Produção e Direção promovidas pela Rede Globo.